

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

SIRESP: A Comédia Portuguesa que Virou Tragédia Nacional

Publicado em 2026-05-29 12:59:00



BOX DE FACTOS

- O SIRESP é a rede de comunicações de emergência e segurança do Estado português.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O sistema ficou associado a falhas graves nos incêndios de 2017, incluindo Pedrógão Grande.
- Em 2025, durante o apagão ibérico, voltaram a ser noticiadas falhas e dificuldades de comunicação envolvendo Protecção Civil, bombeiros, forças de segurança e INEM.
- Em 2026, durante a tempestade Kristin, foram registados danos significativos em infraestruturas críticas do SIRESP.
- O Governo anunciou novos investimentos, reforços, transições, recomendações e planos para o futuro do sistema.
- A RTP noticiou, em Maio de 2026, que o novo SIRESP poderá demorar mais de dez anos a ficar totalmente operacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal conseguiu transformar uma rede de comunicações de emergência numa novela interminável: cara, dramática, burocrática, recorrente e, no momento decisivo, com tendência para ficar sem rede.

Há invenções portuguesas que mereciam figurar nos manuais internacionais de ciência política aplicada ao absurdo. O SIRESP é uma delas. Não por ser tecnicamente impossível, nem por Portugal não ter engenheiros, técnicos, operadores, militares, bombeiros, especialistas em comunicações e gente capaz de fazer melhor. Nada disso. O problema é mais profundo, mais nacional e, portanto, mais trágico: Portugal tem uma extraordinária capacidade para pegar numa necessidade vital, cobri-la de contratos, administrações, relatórios, ministros, empresas, auditorias, indemnizações, transições e comunicados — e depois descobrir, com espanto teatral, que a coisa falha quando é precisa.

O SIRESP devia ser simples na sua missão: garantir comunicações críticas do Estado em situações de emergência e segurança. Incêndios, catástrofes, apagões, acidentes

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mas Portugal, país dado à poesia administrativa e à metafísica do remendo, conseguiu criar uma espécie de objecto político não identificado: uma rede que custa como sistema essencial, é anunciada como pilar crítico, é defendida como infra-estrutura estratégica, mas reaparece ciclicamente nas notícias como paciente crónico ligado à máquina dos milhões públicos.

É o milagre português: uma rede de emergência que vive em estado permanente de emergência.

A rede que devia salvar comunicações e acabou por precisar de socorro

A ideia original era nobre. O Estado precisava de uma rede segura, fiável, interoperável e resiliente para coordenar comunicações críticas. Até aqui, nada a dizer. O problema começa quando a execução nacional entra em cena, vestida com o seu fato habitual: contrato complexo numa mão, responsabilidade difusa na outra, e uma pequena nuvem de nevoeiro institucional a acompanhar.

Ao longo dos anos, o SIRESP tornou-se uma palavra quase mitológica. Já não designa apenas uma rede. Designa um modo português de gerir sistemas críticos: muito dinheiro, muita solenidade, muitas explicações, muitas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Constrangimentos é uma palavra maravilhosa. Serve para tudo. Se falha, é constrangimento. Se cai, é constrangimento. Se não comunica, é constrangimento. Se os bombeiros recorrem a telemóveis, rádios antigos ou telefones satélite, é constrangimento. Se ninguém percebe bem quem responde por quê, é naturalmente outro constrangimento.

Em Portugal, a palavra “falha” foi substituída por “constrangimento” para poupar sofrimento aos contratos.

Setecentos e vinte milhões: a pequena gorjeta do absurdo

A Renascença confirmou, em 2025, que o Estado português gastara cerca de 720 milhões de euros com o SIRESP desde 2006. Setecentos e vinte milhões. Não estamos a falar de trocos perdidos entre almofadas ministeriais. Estamos a falar de uma montanha de dinheiro público.

Com esse valor, um cidadão ingénuo poderia pensar que Portugal teria construído uma rede de comunicações de emergência robusta, redundante, independente, auditada, testada até à exaustão, protegida contra falhas energéticas, com cobertura territorial séria e preparada para os piores cenários.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

rede crítica ou uma plataforma do Estado não são apenas instrumentos ao serviço do cidadão. São também ecossistemas. Têm estudos, pareceres, gabinetes, comissões, gestores, subgestores, consultores, adjudicações, alterações, reforços, prorrogações, contratos de manutenção, transições, auditorias e aquele perfume nacional a “vamos agora resolver definitivamente”.

O problema é que o “definitivamente” português tem prazo de validade aproximado de uma conferência de imprensa.

Pedrógão: quando a comédia deixou de ter graça

Há assuntos em que a ironia deve baixar a voz. Pedrógão Grande é um deles.

Em 2017, a tragédia dos incêndios expôs falhas profundas de coordenação, comunicação e resposta. A RTP noticiou que a chamada “caixa negra” da Protecção Civil revelava falhas de comunicação no momento de maior expansão do incêndio, dificultando respostas a pedidos de ajuda. Foram relatadas quebras constantes da rede, saturação de comunicações e recurso a meios alternativos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É fácil, anos depois, cobrir tudo com relatórios, declarações, responsabilidades partilhadas e linguagem institucional. Mas há uma verdade que devia ficar gravada no betão de todas as administrações públicas: numa emergência real, uma comunicação falhada pode ser a diferença entre socorro e abandono.

E é aqui que a comédia portuguesa se transforma em tragédia nacional.

O apagão de 2025 e a arte de tropeçar duas vezes no mesmo cabo

Depois de 2017, seria razoável esperar que Portugal tratasse o SIRESP como prioridade absoluta. Não prioridade de discurso. Prioridade de Estado. daquelas que se testam, auditam, financiam, corrigem, simulam e submetem a cenários extremos.

Mas em 2025 veio o apagão ibérico e, com ele, voltaram as notícias sobre falhas e dificuldades de comunicação. Protecção Civil, bombeiros, INEM e forças de segurança sentiram dificuldades. O sistema que devia resistir quando a energia falha revelou vulnerabilidades precisamente quando a energia falhou.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quem poderia imaginar que um sistema de comunicações de emergência teria de funcionar quando há apagões, incêndios, tempestades, destruição física de infraestruturas, falhas de transmissão, sobrecarga, pressão operacional e caos no terreno?

Provavelmente qualquer bombeiro de aldeia. Mas nem sempre os bombeiros de aldeia são convidados a desenhar os PowerPoints da República.

Kristin, antenas derrubadas e o regresso triunfal do remendo

Em 2026, a tempestade Kristin trouxe novo capítulo. O documento governamental sobre o reforço da resiliência da rede SIRESP fala em impactos críticos: torres derrubadas, circuitos terrestres inoperacionais, circuitos satélite afectados, falhas de energia e degradação severa de cobertura em zonas de montanha.

Claro que uma tempestade severa pode destruir infraestruturas. Ninguém sério negará isso. A natureza não lê cadernos de encargos. O vento não respeita organogramas. A chuva não pede autorização ao Ministério da Administração Interna.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

operacionais testados.

Se um sistema crítico só funciona bem quando tudo à volta está a funcionar bem, então não é um sistema crítico. É um sistema optimista.

E Portugal tem sido excessivamente optimista com o dinheiro dos contribuintes.

A linguagem ministerial: música de elevador para incêndio florestal

Perante cada falha, surge a mesma orquestra verbal: “reforço da resiliência”, “transição gradual”, “modernização”, “continuidade operacional”, “autonomia energética”, “redundância”, “modelo futuro”, “equipa de trabalho”, “recomendações”, “implementação faseada”.

São palavras bonitas. Tão bonitas que quase apagam o cheiro a fumo.

O problema é que Portugal sofre de uma doença administrativa crónica: acredita que nomear correctamente o problema equivale a resolvê-lo. Se escrevermos “resiliência” suficientes vezes, talvez as antenas ganhem coragem. Se dissermos “redundância” com voz grave, talvez os circuitos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

perguntar: funciona?

E quando a resposta é hesitante, surgem novos relatórios.

O novo SIRESP: daqui a mais de dez anos falamos

A RTP noticiou, em Maio de 2026, que o novo SIRESP poderá demorar mais de dez anos a ficar totalmente operacional, com a desactivação da rede TETRA a não estar fixada e a não dever ocorrer antes de 2038.

Isto é de uma beleza quase barroca. Depois de anos de polémicas, tragédias, falhas, apagões, tempestades, milhões, relatórios e promessas, a solução definitiva aparece no horizonte — mas num horizonte suficientemente distante para já estar reformada quando chegar.

Mais de dez anos. Em tecnologia de comunicações, dez anos são uma era geológica. Em Portugal, são apenas o tempo normal para descobrir que a solução anterior precisa de uma nova solução transitória.

O país vive numa sucessão de transições permanentes. Tudo está em transição. A saúde está em transição. A justiça está em transição. A educação está em transição. A habitação

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

E quando chega, vem atrasado, sem carruagens suficientes e com uma comissão independente para avaliar a experiência do passageiro.

O regresso dos entendidos e a dança das cadeiras críticas

Como se o enredo precisasse de mais um acto, em Maio de 2026 surgiu nova polémica sobre a liderança da empresa que gere a rede. O Ministério da Administração Interna rejeitou ilegalidades na gestão anterior de Paulo Viegas Nunes e defendeu não existir impedimento à sua nomeação. José Luís Carneiro considerou-o uma das pessoas que mais sabe de comunicações no país.

Não cabe aqui julgar pessoas, nem substituir tribunais, auditorias ou órgãos competentes. A questão é outra: como é que, num sistema tão crítico, tão caro, tão marcado por falhas e polémicas, a discussão pública volta sempre ao mesmo teatro português — nomes, exonerações, defesas políticas, suspeições, reacções partidárias e declarações de idoneidade?

O cidadão comum, esse ser cada vez mais cansado de pagar bilhete para assistir à mesma peça, pergunta apenas: a rede funciona?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

explicações”.

Tudo interessante. Tudo institucional. Tudo talvez necessário.

Mas quando arde a serra, cai a energia ou a tempestade arranca torres, o bombeiro no terreno não comunica por currículo. Comunica por rede.

O país dos responsáveis sem responsabilidade

O SIRESP é também um caso exemplar da grande arte portuguesa: criar sistemas onde todos estiveram envolvidos, todos deram contributos, todos aprovaram alguma coisa, todos herdaram problemas, todos anunciaram melhorias — mas, no fim, ninguém parece inteiramente responsável.

É uma responsabilidade em nevoeiro. Como aquelas manhãs húmidas em que se vê apenas a silhueta das instituições, mas nunca a face de quem devia responder.

O Estado contrata. O privado opera. O Governo supervisiona. A empresa gere. Os técnicos alertam. As entidades utilizam. Os ministros anunciam. O Parlamento

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

coreográfica.

Portugal inventou a roda da irresponsabilidade: gira muito, avança pouco e atropela sempre o contribuinte.

Uma rede crítica não pode ser gerida como decoração administrativa

O SIRESP não é um portal de marcação de férias, uma aplicação municipal para queixas de buracos, nem um formulário digital para irritar reformados. É uma rede crítica de Estado. Quando falha, pode comprometer operações de socorro, segurança pública, coordenação entre entidades e resposta a catástrofes.

Por isso, a exigência deveria ser brutal: auditoria técnica permanente, testes reais de stress, simulações nacionais, redundância independente, autonomia energética robusta, cobertura territorial rigorosa, avaliação pública, supervisão parlamentar competente, relatórios legíveis para cidadãos e consequências claras para falhas graves de gestão.

Não basta dizer que se vai reforçar. Não basta dizer que se vai modernizar. Não basta anunciar medidas. Portugal anuncia demasiado e executa de menos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A comédia institucional

Há algo profundamente cómico — se não fosse trágico — nesta repetição nacional. O sistema falha. Surge indignação. O Governo promete. O Parlamento convoca. Os especialistas comentam. Os antigos responsáveis explicam. Os novos responsáveis anunciam. Os jornalistas perguntam. Os partidos acusam. Aparece uma comissão. Sai um relatório. Entram recomendações. Aprova-se verba. Fala-se em futuro.

Depois passa o tempo.

E quando a realidade volta a bater à porta, descobre-se que o futuro ainda estava em concurso, em faseamento, em transição, em análise, em estudo, em calendarização ou em “processo de implementação”.

Portugal é extraordinário nesta arte: consegue estar sempre a resolver definitivamente o mesmo problema.

O SIRESP já não é apenas uma rede. É um género literário. Uma tragicomédia administrativa com capítulos de incêndio, apagão, tempestade, relatório, verba, nomeação e promessa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

estrutura crítica de soberania. Não como dossier partidário, nem como activo administrativo, nem como palco para danças de cadeiras.

Seria necessário fazer, pelo menos, o seguinte:

- auditoria técnica independente, pública e compreensível;
- inventário completo dos pontos de falha da rede;
- testes nacionais periódicos em cenários extremos;
- redundância real, não apenas decorativa;
- autonomia energética robusta em todas as estações críticas;
- cobertura efectiva das zonas rurais, de montanha e de maior risco;
- interoperabilidade com meios alternativos, incluindo satélite e redes móveis críticas;
- planos de contingência treinados por bombeiros, Protecção Civil, INEM, forças de segurança e autarquias;
- responsabilização clara de gestores e governantes;
- publicação regular de indicadores de disponibilidade, falhas, tempos de recuperação e incidentes.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Uma rede crítica não se benze. Verifica-se.

Conclusão: quando a emergência espera pela próxima verba

O SIRESP é um espelho cruel do Portugal contemporâneo: um país que gasta muito, explica muito, promete muito, remenda muito e responsabiliza pouco.

Começou como promessa de modernidade. Tornou-se símbolo de fragilidade. Foi vendido como sistema crítico. Acabou por se tornar caso recorrente de crítica pública. Devia garantir comunicações em emergência. Passou a precisar ele próprio de socorro político, técnico e financeiro.

A comédia está nos comunicados, nas transições, nas palavras pomposas, nos milhões sucessivos, nas defesas institucionais e na eterna capacidade nacional de anunciar o futuro enquanto o presente continua mal amanhã.

A tragédia está no resto: nos incêndios, nos apagões, nas tempestades, nos bombeiros no terreno, nos autarcas a recorrer a telefones satélite, nos pedidos de ajuda, nos cidadãos vulneráveis e na possibilidade real de uma comunicação falhada custar vidas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Porque um Estado que não consegue garantir comunicações críticas em emergência não está apenas mal equipado.

Está perigosamente mal governado.

Nota Final

Esta crónica não acusa criminalmente pessoas ou entidades. Acusa politicamente um modo de funcionamento. Um modo de funcionamento que, ao longo de décadas, permitiu que um sistema crítico acumulasse custos, polémicas, falhas, remendos e explicações sem que o país sinta que alguém responde verdadeiramente pelo resultado final.

O SIRESP não é apenas uma rede de comunicações. É uma lição sobre o Estado português: quando a responsabilidade se dilui, a factura fica inteira; quando a técnica falha, a política discursa; quando a emergência chega, o cidadão descobre se as promessas tinham cobertura.

Portugal não precisa de mais comissões para descobrir que uma rede de emergência deve funcionar em emergência. Precisa de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

caro para uma plateia que já pagou bilhete vezes demais.

Referências consultadas

- Renascença — Fact check sobre cerca de 720 milhões de euros gastos com o SIRESP desde 2006
- RTP — “Caixa negra” da Protecção Civil revela falhas do SIRESP no início do incêndio de Pedrógão
- RTP — Falhas da rede SIRESP obrigaram a recorrer a métodos alternativos
- Governo de Portugal — Reforço da Resiliência da Rede SIRESP, Maio de 2026
- RTP — Novo SIRESP demorará mais de dez anos a ficar totalmente operacional
- RTP — Propostas sobre o futuro do SIRESP e recomendações para modernização da rede

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- **RTP — MAI** rejeita ilegalidades na gestão do SIRESP durante presidência de Paulo Viegas Nunes

Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos


Crónica em co-autoria Editorial com **Augustus Veritas**, ao serviço da lucidez, da memória crítica e da inquietação criadora.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)